

# VIDA FLUMINENSE

Folha Ilustrada

ESCRITÓRIO  
RUA DO OUVIDOR  
52-sobrado-32

## CORTE

Trimestre	55000
Semestre	105000
Ano	205000

## PROVÍNCIAS

Semestre	115000
Ano	215000
Avulso	18000



Uma ideia do Carnaval de 1871 na 'Corte'.  
Esteve realmente bem ruim! tão ruim... como o desenho acima

## A VIDA FLUMINENSE

Rio, 25 de Fevereiro de 1871.

Nesta semana estão todos os cronistas do Rio de Janeiro adstritos no imperioso dever de darem conta minuciosa das occurrences mais notaveis do carnaval.

Vamos e venhamos: é grande estopada ter de repetir todos os annos as mesmas considerações.

As mesmas palavras, as mesmas phrases, os mesmos periodos assaltam todos os annos a imaginação do jornalista e perfum em correr sobre o papel.

É como isto ha de ser assim?

Como pôde haver variedade na descrição de uma cosa que se repete anualmente sob um aspecto tão invariável sempre?

Uma banda de musica na frente, depois um carro com uma grande bandeira, e em seguida uma fieira de carros, tendo cada um seis deus ou tres *chicardas* de pé sobre as almofadas....

É uma sociedade carnavalesca que passa!

Meia hora depois: outra banda de musica na frente, depois outro carro com uma grande bandeira e em seguida outra fieira de carros, tendo cada um outros deus ou tres *chicardas* de pé sobre as almofadas....

É uma segunda sociedade carnavalesca que passa!

Meia hora depois: outra banda de musica na frente, em seguida outro carro com uma grande bandeira e depois outra fieira de carros, tendo cada um outros deus ou tres *chicardas*....

E et cetera, et cetera e et cetera!

Vêr uma é vêr todas as sociedades.

A unica diferença entre elas éis que se usam cores mais ou menos bonitas das colchas que cobrem os ve hiculos, e das roupas que cobrem os socios.

Não será possível variar um pouco a ordem do prestito, e, subretudo, abolir de uma vez para sempre o proverbial *chicardo*?

Afora as sociedades que se apresentaram este anno com inexpressivo lustimento, maximô a dos *Traentes do Diabo*, a do *Club dos Fenianos*, a dos *Estudantes de Heidelberg* e a dos *Democráticos Carnavalescos*, poucos mascarados dignos de nota circularam pelas ruas.

Homens vestidos de mulher, mulheres vestidas de homem, o gallo do *Orpheu na Roca*, um janota de chinelos escarlates, e um não acabar mais de Zé Peixoto... foi quanto pude vêr.

Em compensação regorgitavam as ruas de povo e cada janota era uma linda piulha de formosos rostos.

Valou ao menos isso!

Conforme vaticinámos ha oito dias, encheu-se a maia não poder o elegante e espacoso theatro de D. Pedro II.

Sempre sollicito em agradar o publico o amigo Teixeira reformou, na terça feira, sua grande orchestra com a excelente banda de musica italiana, a qual no

intervallo de uma a outra quadrilha executou arrebatadoras walsas e polkas.

O edifício iluminado a giorno e repleto de povo, apresentava um aspecto deslumbrante!

\* \*

N'um jornal que, sob o titulo pomposo de *Facho da Civilização*, distribuiu a grande pelas ruas a sympathica sociedade *Club dos Fenianos*, encontrámos uns difícułes, que, por nos parecerem curiosos, aqui transcrevemos:

**REFORMA** (jornal):—Vai-se mantendo na liga sem decíduo do programma: *reformar, reformar tudo, reformar sempre!* Que é como se dissesse: *errar sempre, errar tudo, sem nunca deixar em súicio a errar.* O que é pena é que os menos serrados só os que mais serrados necessitavam ser.

**SEMANA ILUSTRADA** :—Entidade hybrida, que ha muito estaria aposentada se não fosse a efficia da anacoreita de Kemp.

**MUNDO DA LUA** :—Região desconhecida, de cuja existencia não duvidamos, mas que, por falta de *instrumento apropriado*, não nos é permitido apreciar a gosto.

**VIDA FLUMINENSE** :—Divindade allegórica da capital, em cuos os altares, se algumas vezes faltas, sagrada à victimia votada no sacrifício, é fôra de toda a dúvida que o ince so de seus holocaustos é sempre o mais puro no thurybolo dos purificadores.

**COMÉDIA SOCIAL** :—Escola de comediantes.

**REPÚBLICA** :—Única reforma possível a julgar pelo título. Uma especulação como outra qualquer a julgar pela época.

**RAMECA** :—O primeiro dos instrumentos quando tangido por mão de mestre, o ultimo e o mais amolador e massante quando tocado por algum *figaro* como....

**BINOCELO** :—Em geral é um instrumento que tem a propriedade de approximar os objectos; porém este em questão produz exactamente o efeito contrario.

**MOSQUITO** :—Inseto que ferra, ferra e deixa... o leitor farrado.

\* \*

Hade haver... não sei se quinze ou vinte annos... Não posso dizer ao certo quando foi, mas lembro-me como se tivesse lido hontem.

Era um jornal alemão, que começava assim:

“ Este artigo é traduzido do grego; mas consta-nos de fonte limpa que a causa se passou no China.”

Ora o tal artigo afugeronos ser tão original na forma e tão verdadeiro no fundo, que desde logo trattamos de copiá-lo com todo o cuidado.

Dando hontem uma busca em papéis velhos, encontrámos a copia, já amarelecida pelo tempo, mais intelligivel ainda.

Relémon-a, e tão entusiasmados ficámos com a leitura, que não nos podemos furtar ao desejo de mimosear o publico com a fiel traduçao do menorável artigo germanico — grego — asiatico.

Fica, pois, bem entendido que é uma simples tra-

ducação desse artigo que fazemos, e que não somos por isso, responsáveis pelas idéias nesse emitido,

Ahi vae:

“ COMO DEVE SER FEITA A GUERRA !

“ Tinha falecido o rei de uma nação. O conselho de ministros reuniu-se para tratar de prover à substituição do falecido.

A apresentou-se um filho do rei, como candidato ao lugar vago.

— Que fareis quando subirdes ao trono ? perguntaram-lhe os ministros.

— Farei tudo pelo melhor. Começarei declarando guerra à nação vizinha, para aumentar meus domínios. E como vossos exércitos são mais aguerridos e numerosos tenho certeza de vencer.

— Tudo isso com os maiores sacrifícios, fazendo correr ainda o sangue deste bom povo, arranco os maridos do lado de suas mulheres, os pais do lado de seus filhos.

— Não se pescam trutas a bragas enchutias; não se ganha uma vitória sem perder homens.

— O conselho de ministros que, como Vossa Alteza sabe, desempenha as funções de regente neste momento, depois de muito parafrasuar e meditar, teve a excellentíssima idéia de reformar os barbaros usos dos povos civilizados. Vóra em diante, quando houver um desacordo entre duas nações, os respectivos soberanos serão os únicos que cruzarão os ferros.

— Mas porque ?

— Porque são elles que, com suas imprudências e vaidades, acendem os fachas da guerra. Devem portanto pesar sólamente sobre elles todos os perigos e responsabilidade da luta, e não sobre o inocente povo que em nada contribue para ella.

— Não comprehendo !

— Entretanto a causa é bem simples. Desde que haja uma desavença entre Vossa Alteza e o outro monarca...

— Declaro-lhe logo guerra !

— Sim, senhor, e depois desse à arena de espada em punho e briga a valer com seu contendor, para vê qual dos dois importará suas vontades no outro.

— E que fará meu povo durante esse tempo ?

— Assistirá à luta para certificar-se se seu soberano tem valor, se é digno de governar-o

— Mas assim arriscarei continuamente meus dias !

— Para não arriscar-me, Vossa Alteza será mais prudente, terá mais critério do que costumam ter as testas coroadas.

— Oh ! Porém tudo isso é um grande absurdo !

— Qual ! Ora, diga-me : quem é que colhe sempre os louros da vitória ?

— E' o monarca.

— Entretanto quem pega em armas e corre aos campos da batalha, deixando seu amparo mulher e filhos, pai e irmãos, toda a família enfim... é o povo. E elle que sofre as consequências da guerra ; é elle que morre, enquanto seu chefe supremo deixá-se ficar comodamente em palácio. Eis o que não queremos. D'ora em diante toda a glória pertencerá

ao monarca, porque foi elle o unico que pôz em risco sua vida !

— Por tal prego, senhores, não quero a coroa !

— O conselho de ministros deve declarar a Vossa Alteza que nas questões de pequena importância poderá mandar em seu lugar qualquer dos seus parentes mais próximos.

— Nada ! Não me convém o trono decididamente. Tenho muito amor à minha pelle e à dos meus parentes...

— Como Vossa Alteza quizer.

O conselho de ministros teve conferencias em tido iguas a esta com minis dezessete candidatos.

Finalmente, o decimo oitavo aceitou a coroa. Tres meses depois de subir ao trono uma disputa, por causa de alguns palmos de terra, rebentou entre o novo monarca e seu collega da priz à esquerda.

— Mau ! Vejamos se se pôde arranjar o negocio amigavelmente (disse com seus botões o soberano recem-acclamado).

As cousas, porém, complicaram-se a ponto tal que não houve meio de chegar a uma conciliação. O recem-acclamado mandou chamar um de seus irôus e lhe disse :

— Meu amiguinho, tens de bater-te em duello para salvar a honra da nação.

— Estás doido ? Altercas com os vizinhos, e sou eu que pago as favas ? Nada !

— Tem paciencia, maninho.

— Não me aborreças !

— Deixa-te de luxos, não é para ficares a gosto em casa que recelas do tesouro publico uma grande dotação anual. Ou aceitas este hourso encargo ou perdes para sempre a dotação. O encontro sera amanhã pela volta do meio dia no hipódromo; afia bem a espada, maninho.

No dia seguinte, antes do meio dia, toda a população dos arredores da capital correm à arena, onde iam brigar os dous primos das duas soberanas desavindas.

Foi um dia de verdadeira festa popular ! Os vendedores de refrescos gelados, de doces e de pasteis afiuram com seus tabuleiros atulhados de petiscos e suas uras cheias à transbordar. Fizeram-se muitas apostas, umas a favor do um dos primos, outras a favor do outro.

Começou o duello com a primeira ladrilhada do meio dia ; o primo da soberana recem-acclamado teve a felicidade de matar seu adversario.

A' noite houve fogo de artifício, iluminação e bailes publicos.

Eis como se passavam as cousas... lá na Ásia. Porém nós por aqui andamos muito mais adiantados.

#### NOTA

Por causa das duvidas torno a declarar que este artigo é traduzido... e que só na Ásia é que ha gente que seja capaz de adoptar usos tão retrogrados.

\* \*



Vestuário a carácter para o Carnaval de 1871 na Europa; que mais  
resulta a sua humaníssima Majestade Imperial da Alemanha!



O Chicard

Sempre o mesmo desde 1860 ate 1871! Sempre o mesmo capuzete,  
a mesma cabelleira, as mesmas botas, as mesmas contorções, e o mesmo  
espirito! Haverá ainda quem lhe ache graça?!

Uma grande descoberta foi feita pelo redactor da parte commercial do *Jornal da Tarde*.

Descobriu [o declarou-o na terceira pagina da folha distribuída ante-hontem] que o vapor *Banita* é expelido até o dia 30 no CORRENTE.

A. DE C.

—1—0300—15—

### Assunto de varias cores

O carnaval—O *Facho da Civilização* e o *Cúpido apascentado*.—On *Democráticos* e um *photographo* com sua visão do ilustre *Maquin*.—On *Brasileiros* e o *teatro D. Pedro II*, o *Club Fluminense*.—O visor do esbelto, o Dr. Ayer, e a opinião de certo dandy, fornendo uns questiones da che.

Se as sociedades carnavalescas não tomasssem a peito a festa do Deus Momo, o tal carnaval de 1871 tornaria-se notável tão somente... pela insipidez!

No anno de 70 ainda apareceram por essas runas algumas coisas a que com justa razão se podia aplicar o qualificativo de—espirituosas.

Neste, porém, de que estou fallando, se exceptuarmos o *Facho da Civilização*, e o *Cúpido apascentado* dos *Fenianos*, ideias repassadas do sul e que atraíram sobre si a gargalhada stridente do burguez mais sisudo; se exceptuarmos ainda o carreguevidamente luxuoso dos *Democráticos*, e a carochinha de certo *photographo*, que distribuia duas primorosas cópias dos quadros de *Yvonne* no som de um arranjo capaz de meter n'um chinelão o proprio *Maquin*, (se elle ainda vivesse) tudo o mais ficou muito aquém do que era lícito esperar-se.

Os *Estudantes* priuaram pelo luxo das roupas, o *Club A.*, embora diminuído, mostrou-se garbosos e elegantes, os *Tenentes do Diabo* fizeram bulícos e travessos como sempre,—quem poderá negar-l-o?—Mas o *chicard* avassou tudo e dali veio que, sem os estuwartes que tremulavam na frente das sociedades, facilmente poderiam elas confundir-se umas com as outras.

E' da esperar que no carnaval de 1872 o *chicard* seja substituído por causa mais original e caricata. Se tudo progredir, se o mundo caninhal, como diz *Pelletan*, é preciso que o carnaval não fique estacionário; com a bréca!

\* \* \*

De bailes não ha razão de queixa. Pelo contrario: ainda os não houve por cíto lúzidos e vistosos.

O enorme salão do theatro D. Pedro II, adornado como a achava, iluminando de sorte a obfuscá-la tanto até hoje entre nós se tem feito no artigo *Iluminização*, e repleto de gente trajando galas de variadas espécies, cores, feitiços e qualidades, apresentava um tal aspecto na noite de terça-feira gorda que dali no fantástico,—mas no fantástico genuíno, legítimo—não vai grande a distância.

O Lyrico nada poderá dizer ao leitor por uma dessas mil razões, quo a lógica mais cerrada não pôde contrariar: " *Não puz lá os pés.*" Se o artilheiro não fez fogo por falta de pólvora parece-me que o cronista não pôde falar daquillo que não viu, não acham?

Em compensação chegaram-me nos ouvidos as mais lisongeiras informações do esplendidão baile do *Club Fluminense*, concorrido a não caber lá um alfinete, repleto de *toiletes* onde o bom gosto caminhava a par da riqueza, e animado como todas as festas mangas daquelle estabelecimento.

\* \* \*

Na ultima pagina deste semanário verá o leitor um desenho allusivo aos efeitos maravilhosos de uma preparação devida ao Dr. Ayer, de Lowell.

Apesar de muito conhérdo e específico, que sob a denominação de *Vigor do cabello* já por ali andou pelo desenho de quanta moça ha, direi em resumo que as suas principaes qualidades consistem em:

*Conservar, aumentar e afermizar os cabellos.*

*Evitar e curar a queda dos cabellos.*

*Impedir a formação da cuspá.*

*Restaurar a cor natural.*

Além disso :

*Quando as glândulas capillares não estiverem completamente destruídas faz nascer CABELO NOVO nas CABEÇAS CALVAS.*

*Não contém substância alguma nociva.*

*Não suja a mão, nem a cabeça, nem a cambrâa nem fuma.*

*Torna os cabellos macios, sedosos e brilhantes, perfumando-os com aroma de rara delicadeza.*

*Da vida nova nos órgãos vitais de que depende o crescimento do cabello, e obriga-o a crescer abundante e fornoso.*

Todas estas qualidades me são garantidas por certo dandy, que lô de cadeira em questões de cinc, e que graças à preparação do medico americano, via, dentro de alguns meses, transformada em crescida juba certa calva pertinaz que, em questões de amor, por vezes se oppunha à completa realização do dito casiriano: *Veni, vidi e vici.*

A. DE A.

—1—0300—16—

\* \* \*

Ba-vi-te, e as forças da infância  
Bravamente ante mim:  
Senti a doce fragâcia  
Daquele rosêo jardim.

Ei! sorriendo os fulgires  
Praia roxa, e era tão azul  
E julguei-me rei das bordas  
Das campinas lôdo sul.

E como a pôrbo avessâa  
Cantil alegra n'com o pilar  
A campanha! Hid e sua  
Do seu infantil brincar.

Aléi em miñâlma um canto,  
Palpito meu coração:  
E que bu... longer no entanto  
Eu não te esquecêra, não!

Ah! polegues apalhando  
Faz dizer-te a sorris:  
" Tu, miñâa, froum no passado.  
Se meu anjo no porche."

1861. — Novembro 26.

D.

## FOLHETIM DA VIDA FLUMINENSE

## O BUSTO

ROMANCETE POR EDMOND ABOUT.

## CAPÍTULO II.

(Continuação.)

A Sra. Michaud curvava, sem mover-se, a narração de Daniel, e este, aproveitando o enjôo, fizera em meia hora mais do que havia feito em algumas semanas. O busto já tinha forma humana! A expectação foi geral. Em sua perturbação, chegou Victorina a dizer a Daniel:

— Oh, o senhor provou bem claramente que o amor opera milagres!

Daniel, pensando que a moça se referia à história de Cambior, respondeu-lhe sem malícia:

— Aláinda pôde haver quem davide, minha senhora?

— Até que ponto será verdadeira esta história? (pensou a moça.) O embalizador de Hespanha... uma moça bonita que morreu com sua tia... um moço de talento... um... obra prima inspirada pelo amor... Sim! E o busto de minha tia! Mas por que não me diz já que meus amores?

O marquez tinha escripto que chegaria no dia 1º de Julho, e, se não que ninguém tivesse recebido ultimamente notícias do ofício, era tão conhecida sua ex-titilidade matemática, que não havia no castelo quem não esperasse nequeijo d'água.

Ao sair do espetáculo em que cultivava esboçando o busto da Sra. Michaud, o escultor dirigiu-se ao seu quarto, lavou as mãos, mudou de roupa, e, como ainda dispunse de uns três quartos de hora, pelo menos, do recesso antes de jantar, encaminhou-se para a extensa varanda que servia de sala d'ármas, e onde se viam espadas de combate afiadas, novas, reluzentes, e espadas de assalto, enferrujadas pelo contacto das mãos e cheias de moças.

Daniel passava e voltava quando viu o Sr. Lefébure em contemplação diante de uma paópelia. O advogado não tinha podido digerir nem o sucesso artístico do recém-chegado, nem a celebre serenata, nem o encanto entusiasmante que a Sra. Michaud dera ao escultor. Demais, não tendo feito o menor exercício naquelas últimas quinze dias, o Sr. Lefébure sentia-se incomodado, tinha rotogas nas mãos, andava em desejos de encontrar alguém sobre quem podesse desencadear toda sua hostilidade.

Estava elle nessa filantropica disposição de espírito quando viu junto de si o artista, que lhe aparecia ali como uma vítima levada pela Providência. Com tal competidor não era devidosa a vitória, porque o Sr. Lefébure só conhecia em França trezentos e mais dextos de que este não manejasse das armas: lord Seymour, M. O'Connell e o marquez do Guébian.

O jovem artista não tinha razões para querer mal ao Sr. Lefébure, por isso parou para conversar um pouco com elle. Examinou as armas, aceitou uma luva e uma espada, e, com a candura de uma innocente, ovilava preparada para o sacrifício, deixou que o belicoso advogado lhe cobrisse o rosto com uma máscara de aranjo. Sem dizer no menos uma vez: em guarda!... o Sr. Lefébure arremetente com tal sanha no artista, que em menos tempo do que posso dizer-te tocou-lhe umas vinte e tantas vezes em pleno peito. Cada vez que caía a fundo murmurava entre dentes o advogado: Toma! Toma! Toma! Esta é pela tua escultura! Esta é para tu

serena! Esta pelo incommodo que me causas, esvaziando como importuna abelha em torno dos meus amores!

Daniel, com a maior calma ia confessando, um por um, todos os golpes que recebia. Cinco minutos depois o Sr. Lefébure estacionou para tomar fôlego e encher-lhe o suor que lhe corria em bolas pelo rosto. O escultor, que estava fraco como antes de cravar o ferro, disse consigo o olhando de soslaio para o advogado:

— Agora conheço seu jogo, meu marreco. Estás arranjadinho! Tu furia só pôde atrapalhar um noviço; tua mão só tem a agilidade precisa para surpreender quem joga tão mal como tu. O que queres é agredir sem cuidares em cobrir o corpo. ora, espera agora pelo troco.

Carregava de novo os dons em guarda. A princípio o Sr. Lefébure contestou todos os golpes que recebia, allegando não valerem por serem uns no braço, outros no pescoço e nenhum em pleno peito. Daniel, incomodado com semelhante falta de cortezia, bradou: Reconhecemos.

Começaram então os golpes a cair como saraiá sobre o pobre advogado, que a final, exausto de forças, sentou-se em uma cadeira, dizendo, ofegante de cansaço:

— Bem! Não atira mal! Somos de forças iguais.

— No entanto, creio que me ficou devendo alguma.

— Perdão! Perdão! Ganhei a primeira partida, o senhor ganhou a segunda. Estamos quites.

— Pois... sim, seja! Quer agora decidir a questão em uma terceira partida? (perguntou zangado o artista).

— Creio que não temos tempo.

Na sala contígua havia um relógio de parede. O Sr. Lefébure foi ver que horas eram, e voltou dizendo:

— Daqui a dez minutos virão chamar-nos para jantar.

— Temos ainda tempo de sobre entâo, respondeu o escultor calhando em guarda.

Durante a curta ausência do advogado, Daniel tinha substituído o florete de assalto do seu competidor por um florete de duelo, aciñadado e pontiagudo. O Sr. Lefébure, sem reparar na troca, empunhou a armá e correu como um possesso sobre o artista. Este, porém, parando o bote com toda a calma, tocou em cheio no peito uma meia dúzia de vezes. O advogado, todo encorriado, fez um esforço supremo e conseguiu acertar, de leve, um bote no estrebo do escultor:

— Mosso no inicio do peito! Confesse! Este foi de mestre! bradou inútil ancho o Sr. Lefébure.

— Qual! Foi no braço!

— Não, senhor! No peito! Não negue!

— Enganase.

— Tensido toda a cortezia; foi em cheio no peito!

(assessorou o advogado).

— Ah! Tem toda a cortezia. Então como é que estou ainda vivo?

— Não comprehendo!

— Olhe o cordifício, (disse com sangue frio Daniel, mostrando nas costas de sua mão direita um leve arranhão). Seu florete roçou-me apenas p'ra p'la.

O Sr. Lefébure, examinou a ponta de sua arma, mostrou-se muito comovido e sentou-se balbuciando:

— Não jogo mais o florete com o senhor! Isto não é graco que se faça! O senhor arriscou-me a cometer um homicídio!

— Qual! Com o senhor eu tinha do antenho cortezia, do contrario.

(Continua.)

ANNUNCIOS ILLUSTRADOS



VIGOR DO CABELLO.